

## EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA: relatos de leitura literária no CAp-UFRJ

*Amanda da Silva Honório<sup>1</sup>  
Caroline da Silva Cavalcanti<sup>2</sup>  
Cristiane Suzart Cop Guimarães<sup>3</sup>  
Patrícia Corsino<sup>4</sup>*

### ***Eixo temático: 4 - Alfabetização e Infância***

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo trazer relatos e discussões sobre literatura na primeira infância com situações vivenciadas por crianças da Educação Infantil do Colégio de Aplicação da UFRJ (CAp-UFRJ), no ano de 2018 e 2019. O texto inicialmente aborda teorias sobre a literatura como direito, a experiência na dimensão de produção de sentido e os diversos processos que constituem o trabalho pedagógico. Num segundo momento, apresenta propostas com a literatura desenvolvidas junto às crianças do Cap-UFRJ. Por fim, aponta as possibilidades da literatura na Educação Infantil.

**Palavras-chave:** educação infantil; leitura literária; Cap-UFRJ.

Por sermos parte de uma saga escrita com palavras, necessitamos ser nutridos não só de leite, mas também com essas envolturas- histórias, contos e poemas- que reúnem os que estão chegando com os que chegaram há mais tempo e com os que se foram. Ler é assistir a esta conversa entre os que estão aqui e agora, os que vivem distantes ou morreram e os que viverão quando não estaremos. Para evitar que fiquem entregues à própria sorte, entre os monstros que povoam a infância, as crianças pedem um conto e outro e outro... Além do conteúdo da história, os contos e a voz são o pretexto para manter os seres queridos literalmente

---

<sup>1</sup> Especialista em Educação Infantil pela PUC-Rio e professora substituta do CAp-UFRJ 2019/2020. Contato: amandahonorio@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela UFPE e professora substituta do CAp-UFRJ 2019/2020. Contato: carolines.scavalcanti@gmail.com

<sup>3</sup> Mestrado em Letras pela UFRJ, Técnica em Assuntos Educacionais no Segmento de Educação Infantil do CAp-UFRJ. Contato: crisuzart29@gmail.com

<sup>4</sup> Doutorado em Educação pela PUC-Rio, Prof. Associada da Faculdade de Educação da UFRJ e do PPGE-UFRJ. Contato: corsinopat@gmail.com

Desde o nascimento, o bebê é recebido não apenas com o toque, o afeto, o alimento, mas também com palavras. Como enfatiza Reyes, há uma necessidade humana não apenas de leite, mas de urdiduras de palavras na busca de sentido. Nos primeiros meses, é de corpo inteiro e com todos os sentidos que o bebê experiencia o mundo. No entanto, a relação do adulto com a criança, desde os primeiros momentos, vem revestida de palavras. Palavras de afeto, de surpresa, de angústia por não conseguir aplacar um choro; palavras que embalam cantigas, que fazem parte de brincadeiras corporais, que brincam com outras palavras; palavras que narram, que apresentam o mundo, que definem, que dão a ver e a ler. Muitas são as formas como as palavras recebem os recém-chegados e, entre elas, Reyes destaca as “envolturas- histórias, contos e poemas- que reúnem os que estão chegando com os que chegaram há mais tempo e com os que se foram”. Podemos chamar estas envolturas de literatura, que Candido (2011, p.174) define como “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura”. Estas envolturas organizam o caos da existência, abrem novas possibilidades de ver - a nós mesmos, o outro e o mundo-, ampliam horizontes e nos conduzem na “odisseia humana por construir sentidos”.

Este texto tem como objetivo discutir a literatura na primeira infância com situações vivenciadas por crianças da Educação Infantil do Colégio de Aplicação da UFRJ (CAp-UFRJ), no ano de 2018 e 2019. Os relatos que serviram de base para as análises deste texto foram realizados pela professora da Sala de Leitura e por professoras de referência de turmas de creche e pré-escola. Os registros de observações das crianças - em relatos no caderno de campo, em áudio, vídeo e fotografias-, de diferentes situações do cotidiano, têm sido uma prática cada vez mais frequente dos/as professores/as da escola. Por via dos registros se organiza a documentação pedagógica da escola, as reflexões na equipe e as articulações teoria-prática-teoria. Neste artigo, selecionamos registros de relatos dos anos de 2018 e 2019. O texto está organizado em três partes: na primeira trazemos alguns pontos de partida que sustentam teoricamente o trabalho pedagógico com a literatura na Educação Infantil; na segunda parte apresentamos propostas com a literatura desenvolvidas junto às crianças da Educação Infantil do Colégio de Aplicação da UFRJ; na parte final apontamos possibilidades da literatura na Educação Infantil.

### **Literatura: direito, experiência e formação**

Candido (2011) expande o campo literário a “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático” e nesta expansão ultrapassa o verbal e encontra a infância do homem pelo “toque”, ou seja, por aquilo que toca, mexe, desloca e que se encontra no campo perceptivo da estética. Criações que são assim percebidas porque elas próprias são a expressão de um deslocamento, como elucida Otávio Paz (2012, p.28): “palavras, sons, cores e outros materiais sofrem uma transmutação quando ingressam no círculo da poesia. Sem deixar de ser instrumentos de significação e comunicação, transformam-se em outra coisa”. Esta “outra coisa” pode ser entendida como arte e, no campo literário, abarca várias manifestações, tais como: toda literatura oral com os jogos de linguagem como parlendas, trava-línguas, brincos, cantigas de ninar, cantigas de roda, cantos de trabalho, contos orais, trovas, dramatizações, entre outros; a performance da palavra falada e ouvida simultânea e coletivamente, do corpo que vive a linguagem, que é também instância de simbolização, de relação e afeto (ZUNTHOR, 2010); diferentes gêneros, suportes (corpo, áudio, tela, livro

impresso) e multimodalidades. Nesta diversidade do literário encontra-se o discurso ficcional, fruto da imaginação e criação, um discurso que reinventa o mundo, que extrapola as fronteiras do real, mas que está totalmente implicado com a vida e articula ética à estética. Na literatura a polifonia da palavra do outro se faz presente e abre-se “uma cratera em que se hibridizam muitas linguagens sociais, muitos gêneros, muitos sujeitos, que apresentam a sociedade de forma viva, pulsante e contraditória” (GOULART, 2007, p. 74). Com isso, ao apresentar esteticamente, a palavra do outro alarga o viver do leitor.

Como não há povo que não tenha produzido suas histórias, seus contos e cantos, Candido (2011) argumenta que a literatura não é apenas uma importante produção cultural dos grupos humanos, mas um bem incompressível, isto é, de primeira necessidade, um direito humano: pela sua capacidade de atender à nossa imensa necessidade de ficção e fantasia, pelo seu potencial de oferecer ao leitor um conhecimento profundo do mundo, pela sua natureza formativa que afeta os sujeitos de forma complexa e dialética. Nesta via, entendemos que a presença da literatura na primeira infância é, sobretudo, um direito das crianças de 0 a 6 anos e, portanto, parte indissociável do direito à educação e presença incontornável no cotidiano de creches e pré-escolas.

Pensar uma educação que aposta nas crianças e suas potencialidades, implica em pensar em tempos-espacos capazes de despertar curiosidade, interesse, criatividade e que, ao reafirmar nossa humanidade, abre janelas para novas paisagens, ampliando olhares e perspectivas. E para que tal ampliação ocorra por meio da experiência literária no contexto escolar, é necessário escuta, observação, atenção cuidadosa aos movimentos realizados pelas crianças, seguindo suas pistas e seus tempos para que a experiência seja possível.

Benjamin (1993) relaciona a experiência à narrativa, à possibilidade de narrar para o outro o vivido. Esta dimensão coletiva inclui a escuta, uma coletividade de ouvintes/leitores, que poderão dar continuidade ao narrado, imprimindo cada um a sua marca. A narrativa para Benjamin é aberta às interpretações e se diferencia da informação que vem revestida de explicações e de respostas fechadas. Pensar a literatura como experiência significa romper com uma visão instrumental e instrucional da literatura e da mera experimentação ou exploração de algo, para entrar no espaço formativo da produção de sentido. A experiência exige olhar mais devagar, ter tempo e espaço para ela acontecer, como alerta Larrosa (2002, p. 24):

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p. 24).

A experiência, como um dos fundamentos do tecer pedagógico, exige ser pensada na tensão entre o coletivo e o individual. Os diversos processos que envolvem a construção do trabalho pedagógico, do planejamento à organização do espaço, da pesquisa à execução, da seleção de materiais (por exemplo, selecionando livros que não subestimem e nem limitem a capacidade das crianças, especialmente

dos bebês) à mediação, tudo isso se põe à disposição no coletivo para que cada um possa produzir os seus sentidos e reelaborar à sua maneira.

### **Literatura na Educação Infantil do CAP-UFRJ**

Entendendo a literatura como direito, procuramos desenvolver no Segmento de Educação Infantil do CAP-UFRJ um trabalho com a literatura que envolva toda comunidade escolar. Assim, os livros circulam em diversos lugares da escola e ocupam um lugar fulcral no seu projeto político pedagógico. Cada turma tem um acervo de livros que são renovados frequentemente e que são muito lidos por crianças e professoras, em diferentes momentos do cotidiano. Além destas leituras frequentes e do trabalho realizado por cada professora de referência com o seu grupo, a escola tem uma Sala de Leitura que é bastante procurada.

Embora as crianças sejam o centro do planejamento, o trabalho tem sido potente em ampliar o acesso à leitura de crianças, famílias, professoras/es, demais funcionários por meio de projetos dinamizados que envolvem muitas ações, entre elas, citamos:

- Encontros literários semanais com as crianças;
- Projeto “Leva e Traz”: uma vez por semana as crianças escolhem um livro para ser levado para a casa e ser lido com a família;
- Encontros formativos e de sensibilização literária com as professoras/es e famílias;
- Semana Literária: uma vez por ano realizamos este evento que costuma expor para a toda a comunidade escolar;
- Empréstimo de livros disponibilizado para toda a comunidade escolar;

Traremos a seguir relatos de projetos literários desenvolvidos com as diferentes turmas de Educação Infantil do CAP-UFRJ, nos anos de 2018 e 2019 para dar visibilidade à potência da literatura na primeira infância.

### **Projeto (Re)Descobrimdo a poesia**

Os bebês já chegam à escola iniciados no universo poético pelas canções de ninar, cantigas de rodas, parlendas, quadrinhas e outros encontros poéticos, próprios da sabedoria popular, que vivenciam com as famílias e demais pessoas que os cercam. Mas entendemos que ao chegarem na creche precisam ter tempo e espaço para a (re)descoberta da poesia. Como afirma Reyes na epígrafe, são textos que reúnem em uma conversa os que estão chegando, os que chegaram há mais tempo e os que já se foram. Cabe à escola dar continuidade a esta conversa, favorecendo as experiências estéticas das crianças com a poesia. Essas reflexões embasaram o desenvolvimento do projeto de literatura “(RE)Descobrimdo a Poesia”, que teve a duração de um trimestre. As crianças foram convidadas a participar da aventura poética como relataremos a seguir.

Exploramos, com os bebês, o jogo de palavras e toques (também chamado de “brinco”) “Dedo mindinho, seu vizinho...”. O percurso dos dedos que percorrem os braços das crianças após as perguntas: “Cadê o queijo que estava aqui?... Vai por aqui, vai por ali, vai por aqui...” com a musicalidade das palavras, despertam no bebê inúmeras sensações: o prazer antecipado expresso muitas vezes por uma gargalhada que prevê que o “dedo mindinho” é só o começo das etapas que virão a seguir.

A poesia “A Bailarina”, de Cecília Meireles, inspirou as crianças a apreciarem uma pequena bailarina que girava em uma caixinha de música e a brincarem com uma boneca de pano que é bailarina e tocava música enquanto mexia, delicadamente, a cabeça. A leitura deste poema foi realizada em todos os grupos. No encontro com o Grupo 4 (crianças de 3 a 4 anos), em um momento em que disputavam para chegar mais perto da bailarina, algumas meninas queriam prioridade por serem meninas, foi aí que um menino de quatro anos, com muita tranquilidade disse: “Meninos também podem fazer ballet, sabia?”. Todos concordaram que sim.

Estas foram só algumas das nossas aventuras literárias pelo universo da poesia neste período.

### **Projeto “Relações étnico-raciais: refletindo sobre a minha cor, como sou, de onde vim.”.**

As ações iniciais deste projeto foram encontros de discussão com a equipe pedagógica da escola sobre o tema e uma análise das obras que tínhamos no acervo da sala de leitura que contemplassem o tema proposto. O momento de discussão foi bastante fecundo, pois muitos professores, sobretudo aqueles que se reconheciam como negros, apresentaram suas contribuições em forma de ações que poderiam ser realizadas durante o desenvolvimento do projeto. Um dos principais focos da discussão foi a necessidade da representatividade negra no acervo da sala de leitura, o que nos fez propor uma campanha de doação de títulos literários de qualidade que contemplassem a representatividade negra e também indígena na literatura.

Durante os encontros literários, as crianças tinham a oportunidade de exteriorizarem diversos sentimentos em relação à questão racial. A seguir, trazemos duas pequenas narrativas da professora da Sala de Leitura, de eventos que aconteceram durante o desenvolvimento do projeto:

#### **O príncipe negro**

Chegou a hora da história! Os bebês se acomodam como querem e vão se aproximando de mim, do livro e ficam concentrados o tempo que querem. A maioria dos bebês senta perto de mim, se distrai com alguma outra coisa, se distancia, muitas vezes interage com a história de longe, depois retorna para perto de mim. Neste dia, eu estava lendo o livro “A princesa e a ervilha”, de Rachel Isadora. Esta escritora adaptou o clássico de Hans Christian Andersen e ele foi ambientado em paisagens africanas com personagens igualmente africanos. Marcos parecia fascinado com as ilustrações, a cada página ele demonstrava mais encantamento e se mostrou muito concentrado no desenrolar da história. Em um dado momento, precisei virar para trás para pegar um objeto em uma caixa que estava atrás de mim enquanto segurava o livro aberto em uma página em que o príncipe negro conversava com uma pretendente. Nesta ilustração, o rosto dos personagens ocupam um espaço grande nas páginas e foi neste momento, como quem experimenta uma roupa para ver se cabe, que Marcos encostou o seu rosto negro ao rosto negro ilustrado na página. Será que cabe um rosto negro ocupando um lugar na nobreza? As ações desenvolvidas no projeto estavam ali para reforçar que sim! (Professora da Sala de Leitura Cristiane Suzart, relato de outubro de 2018).

#### **Aqui eu me encontro**

A concentração de Davi para ouvir as histórias sempre me impressionou. Quando estava no Grupo 1, já chamava atenção por permanecer sentado junto ao livro do início ao fim da história. Durante o desenvolvimento do projeto, Davi se mostrava muito interessado nos livros com personagens negros. Observava cada ilustração com muita atenção e, da sua maneira, sempre reivindicava espaço para estar bem junto ao livro. Um dos legados do referido projeto foi uma estante de livros catalogada com o título “livros de temáticas africanas ou afro-brasileiras”. Davi, com um ano, já no Grupo 2, que atendia bebês de 1 a 2 anos, continuava atento às histórias, mas tinha um ritual, no mínimo, encantador: assim que a história terminava, ele ia em direção a estante e escolhia sempre o mesmo livro, “Histórias da preta” de Heloísa Pires Lima, que apresenta a ilustração bem grande de uma mulher negra na capa. Assim que pegava o livro, Davi escolhia um canto mais reservado na sala de leitura e iniciava a sua leitura silenciosa e solitária, era um momento dele, de contemplação. Já havia tentado, com muita delicadeza, mediar a leitura deste livro, mas atenta aos sinais que ele me daria aprovação. Focalizada nas sutilezas de seus sinais, percebi que ele preferia ler mesmo sozinho, se detendo em cada página no tempo que ele quisesse. (Professora da Sala de Leitura Cristiane Suzart, relato de novembro de 2018).

Trazemos a seguir, o relato do desenvolvimento do projeto “Você tem medo de quê?”, desenvolvido numa turma de berçário, no ano de 2019, realizado pelas professoras das salas de referência. Projetos que ganham uma dimensão ampliada no cotidiano dos grupos.

### **Bruxas, Lobos, Fantasmas e Monstros em uma turma de Berçário**

O projeto “Você tem medo de quê?” nasceu do interesse das crianças por livros de contos que continham personagens que provocassem medo, como: Bruxa, Lobo Mau, monstros e fantasmas. Ainda que o acervo da turma fosse bastante diverso nos estilos literários, as professoras observaram que os livros de maior interesse e disputa pelas crianças eram estes. Citamos aqui alguns livros que nos acompanharam nesta jornada: Bruxa, Bruxa, venha à minha festa (DRUCE e LUDLOW, 2002); Este é o Lobo (RAMPAZO, 2020); Vai embora Grande Monstro verde (EMBERLEY, 2009); Uma Chapeuzinho vermelho (LERAY, 2012) dentre outros.

Inicialmente, o projeto buscou ampliar o repertório imaginário das crianças com livros fora do acervo da sala. Neste momento, buscou-se estabelecer uma parceria com a Sala de Leitura, que funciona também como uma extensão dos momentos de leitura fora da sala de referência.

Ao longo do projeto, observamos reações intensas de entusiasmo das crianças, nítidas pela euforia e interesse demonstrados pelas propostas oferecidas. Também foi possível perceber os processos de invenção e reinvenção realizados por elas no que tange aos contos e às brincadeiras que envolviam o projeto. É a respeito dessas reinvenções e novas buscas de sentidos que iremos narrar a seguir três eventos.

### **Recebendo a visita do Lobo**

A professora bate na porta. “Toque, toque, toque!”. Olhares curiosos e atentos. As crianças tentam ver pelo vidro, ao lado da porta, quem bate. Outra professora, que

está com as crianças em sala, entoando uma voz teatralmente espantada e uma criança pergunta: “Quem é?!”. É respondida imediatamente:

- “Eu sou o Lobo! Deixe-me entrar!”.
- “Não, não, Lobo! Não vamos deixar você entrar!”.
- “Ah! Mas se não abrir a porta, eu vou soprar”.

Começa uma grande correria e vozes infantis, em coro, inundam a sala: “É o Lobo! É o Lobo!”. E a correria começa: ora tirando grandes gargalhadas, ora com olhares espantados. Cada criança lida com o enigmático personagem literário de um jeito muito subjetivo, mas fica evidente como ele afeta e mobiliza a todos.

Às vezes parecia difícil para o observador externo saber quem eram as crianças correndo do Lobo e quem, de fato, eram os “lobos” correndo atrás das crianças; poder-se-ia dizer que havia uma grande desorganização, porém, o que ali se processava era uma organização operada pelas próprias crianças, que sabiam, coletivamente, direcionar a brincadeira. (Professora Amanda Honório, relato de outubro de 2019).

### **Caça a Bruxa**

Uma vassoura e um chapéu espalhados pelo corredor da escola. “Quem será que deixou esses objetos ali?”, a pergunta pairava. As crianças não têm dúvidas: foi a Bruxa. E assim começou uma grande caçada a esta querida e, paradoxalmente, temida personagem. Olhares investigativos e pés exploradores buscavam vestígios deixados pela Bruxa no pátio da escola. Nada passa despercebido: as folhas que balançam nas árvores; os objetos deixados no chão por outras turmas; pedaços de troncos; transeuntes que passavam do outro lado da grade; tudo evidenciava a presença da Bruxa. “Para onde será que ela foi?”. Bruna (dois anos): “Foi na rua!”. Já Lucas (dois anos) diz: “Tá na árvore”, afirma apontando para uma grande árvore no pátio da escola, certo de que ela estava lá (fez cara de bravo para a Bruxa); enquanto Clara (dois anos): “Passeando lá” (e aponta para o céu) (Professora Amanda Honório, relato de outubro de 2019) .

Partindo das situações citadas ao longo do texto, de situações vividas, especialmente, pelas crianças, mas não só por elas, nos espaços de livro e de leitura na Educação Infantil do CAp-UFRJ, trouxemos a potência das crianças na relação com a literatura. Os relatos evidenciaram o processo dialógico entre professores/as e crianças, o tempo de escuta, o tempo de liberdade para as crianças brincarem e criarem a partir do que foi lido. Destacamos também o lugar da escola no acesso a obras consideradas de qualidade, pois muitas crianças só terão acesso a estas obras por meio da escola. Por essa razão, faz-se necessário ressaltar a garantia quanto à qualidade dos livros nas escolas, desde a creche, da disponibilidade de tempo e espaço ofertados na instituição para que a leitura literária se constitua como uma experiência e que possa participar da formação cultural e humana dos recém-chegados (ARENDDT,1997).

Por fim, podemos perceber a existência de uma diversidade de práticas em diferentes momentos, espaços e propostas que objetivam a ampliação de experiências subjetivas das crianças e compartilhamento no grupo. Foram formas encontradas para "manter os seres queridos literalmente sujeitos nessa urdidura de palavras que dá conta da odisseia humana por construir sentido".

### Referências bibliográficas:

- ARENDDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.
- BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
- DRUCE, Arden; LUDLOW, Pat. Bruxa, bruxa, venha à minha festa. 2ª Ed. São Paulo: Brinque-Book, 2007.
- EMBERLEY, Ed. Vai embora, grande monstro verde. São Paulo: Brinque-Book, 2009.
- GOULART, Cecilia A. Uma abordagem bakhtiniana da noção de letramento: contribuições para a pesquisa e prática pedagógica. In: Ciências Humanas e Humanas- leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2007.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, n. 19, abr. 2002.
- LERAY, Marjolaine. Uma chapeuzinho vermelho. São Paulo: Cia das Letrinhas, 2012.
- LÓPEZ, Maria Emília. Breve ensaio sobre a palavra poética e a proteção simbólica da infância. In: PRADES, D; MEDRANO, S. I Seminário internacional Arte, palavra e leitura na 1ª infância. 1ª Ed. São Paulo: Instituto Emília, 2019.
- MEIRELES, Cecília. Ou isto ou aquilo. São Paulo: Global, 1996.
- PIRES, Heloísa Lima. Histórias da Preta. Ilustrações de Laura Beatriz. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005.
- RAMPAZO. Este é o lobo. São Paulo: Farol Literário, 2016.
- REYES, Yolanda. La poética de la infancia. Bogotá, Colombia: Luna libros, 2016.
- ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.